

CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO

Curso de Enfermagem

Beatriz Lanferini Fartes

Bruna Pedroso de Oliveira

Giovanna Paula dos Santos

Rebeca Fernandez Petinassi da Silva

**MÉTODOS DE ABORDAGEM QUE PODEM SER UTILIZADOS PELO
ENFERMEIRO PARA APRIMORAR O ATENDIMENTO À CRIANÇA COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

São Paulo

2023

Beatriz Lanferini Fartes

Bruna Pedroso de Oliveira

Giovanna Paula dos Santos

Rebeca Fernandez Petinassi da Silva

**MÉTODOS DE ABORDAGEM QUE PODEM SER UTILIZADOS PELO
ENFERMEIRO PARA APRIMORAR O ATENDIMENTO À CRIANÇA COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Graduação de Enfermagem do Centro Universitário São Camilo, orientado pela prof^a Raquel Cândido Ylmas Vasques, como requisito parcial para a obtenção do título de enfermeiro.

São Paulo

2023

Ficha catalográfica elaborada pelas Bibliotecas São Camilo

Métodos de abordagem que podem ser utilizados pelo enfermeiro para aprimorar o atendimento à criança com transtorno do espectro autista / Beatriz Lanferini Fartes... [et al.]. -- São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2023.
42 p.

Orientação de Raquel Cândido Ylmas Vasques.

Trabalho de Conclusão de Curso de Enfermagem (Graduação),
Centro Universitário São Camilo, 2023.

1. Criança 2. Enfermagem 3. Pesquisa 4. Transtorno do espectro autista I. Fartes, Beatriz Lanferini II. Oliveira, Bruna Pedroso de III. Santos, Giovanna Paula dos IV. Silva, Rebeca Fernandez Petinassi da V. Vasques, Raquel Cândido Ylmas VI. Centro Universitário São Camilo VII. Título

CDD: 610.73072

Beatriz Lanferini Fartes

Bruna Pedroso de Oliveira

Giovanna Paula dos Santos

Rebeca Fernandez Petinassi da Silva

**MÉTODOS DE ABORDAGEM QUE PODEM SER UTILIZADOS PELO
ENFERMEIRO PARA APRIMORAR O ATENDIMENTO À CRIANÇA COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Professor Orientador (Raquel Cândido Ylamas Vasques)

Professor Examinador

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) abrange um conjunto de condições que comprometem em algum nível o comportamento social levando a criança a vivenciar obstáculos em diversos âmbitos. Pesquisas mostram que enfermeiros apresentam um déficit no conhecimento quanto às necessidades da criança com TEA, evidenciando a necessidade de maior aprofundamento sobre a prática, o ensino, a pesquisa, e no aperfeiçoamento de intervenções e abordagens. Sendo assim, considera-se importante conhecer os métodos de abordagem que podem ser utilizados pelo enfermeiro para aprimorar o atendimento à criança com TEA. Identificar métodos de abordagem que podem ser utilizados pelo enfermeiro para aprimorar o atendimento à criança com TEA. Para a realização dessa revisão integrativa foi elaborada a seguinte pergunta de pesquisa: “Existem métodos que podem ser utilizados pelo enfermeiro para aprimorar o atendimento à criança com TEA?”, revisão integrativa da literatura, realizada nas bases de dados: BDNF, LILACS e MEDLINE utilizando os termos de busca: “Transtorno do espectro autista”, “Criança”, “enfermagem”, “comunicação” e “criança hospitalizada”. Foram incluídos artigos publicados entre o período de 2012 a 2022 nos idiomas português, espanhol e inglês. Os artigos incluídos foram apresentados em tabela e a análise dos resultados foi realizada de forma descritiva apresentando os objetivos de cada estudo, sendo a maior parte dos artigos encontrados no idioma inglês e foram excluídos artigos que não estavam disponíveis na íntegra. Foram elencadas as categorias falta de conhecimento referente ao autismo, papel do enfermeiro no atendimento à criança com TEA, influência da relação família-criança no atendimento, métodos de intervenção que auxiliam na abordagem e plano de cuidado da criança com TEA. Identificou-se a falta de conhecimento dos profissionais de enfermagem sobre o TEA. Destaca-se também a importância do atendimento individualizado para a criança autista. A relação com os pais auxilia no atendimento, visto que são os indivíduos que estão mais próximos à criança e conhecem suas particularidades. Por fim, evidenciou-se quais métodos que podem ser utilizados, sendo eles: a intervenção musical, Social Stories, caixa sensorial, carrinho sensorial, livro de imagens e kit de enfrentamento. A pesquisa torna-se relevante ao fomentar a importância da capacitação dos enfermeiros acerca do assunto, bem como da necessidade de manterem-se atualizados sobre métodos que podem corroborar para o aprimoramento do atendimento de enfermagem.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Enfermagem; Criança; Métodos de abordagem.

ABSTRACT

Autistic Spectrum Disorder (ASD) encompasses a set of conditions that compromise social behavior at some level, leading the child to experience obstacles in different areas. Research shows that nurses have a deficit in knowledge regarding the needs of children with ASD, highlighting the need for greater depth about practice, teaching, research, and the improvement of interventions and approaches. Therefore, it is considered important to know the approach methods that can be used by nurses to improve care for children with ASD. Identify approach methods that can be used by nurses to improve care for children with ASD. To carry out this integrative review, the following research question was elaborated: "Are there methods that can be used by nurses to improve care for children with ASD?", integrative literature review, carried out in the databases: BDNF, LILACS and MEDLINE using the search terms: "autistic spectrum disorder", "child", "nursing", "communication" and "hospitalized child". Articles published between 2012 and 2022 in Portuguese, Spanish and English were included and articles that were not available in full were excluded. A lack of knowledge of nursing professionals about ASD was identified. The following categories were listed: lack of knowledge regarding autism, role of nurses in caring for children with ASD, influence of the family-child relationship in care, intervention methods that help in approaching and caring for children with ASD. The importance of individualized care for the autistic child is also highlighted. The relationship with the parents helps in the care, since they are the individuals who are closest to the child and know their particularities. Finally, it was shown which methods can be used, for example: musical intervention, Social Stories, sensory box, sensory cart, picture book and coping kit. The research becomes relevant by promoting the importance of training nurses on the subject, as well as the need to keep up-to-date on methods that can contribute to the improvement of nursing care.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Nursing; Child; Approaching methods.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. OBJETIVO GERAL	10
3. MATERIAIS E MÉTODOS	11
3.1. Etapa 1: Elaboração da pergunta norteadora	11
3.2. Etapa 2 e 3: Busca na literatura e coleta de dados.....	11
3.3. Etapa 4: Análise crítica dos estudos incluídos	13
3.4. Etapa 5: Interpretação dos dados	14
4. RESULTADOS	15
5. DISCUSSÃO	23
5.1. Falta de conhecimento referente ao autismo	23
5.2. Papel do enfermeiro no atendimento da criança com TEA	25
5.3. A influência da relação família-criança.....	29
5.4. Métodos de intervenção que auxiliam na abordagem e no plano de cuidado da criança com TEA	32
6. CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	38

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) abrange um conjunto de condições que comprometem em algum nível o comportamento social, tanto na comunicação como na linguagem (OPAS, 2020). Essa condição afeta a percepção dos interesses e atividades para o indivíduo, que se tornam únicas e realizadas de forma repetitiva (OPAS, 2020).

O TEA tem seu início na infância, no Brasil não há dados atualizados sobre a prevalência do transtorno, entretanto, nos Estados Unidos o autismo afeta 1 a cada 36 crianças de 8 anos (MAENNER et. al, 2023). Tende a progredir para a adolescência e fase adulta, tendo o nível de funcionamento intelectual variável e podendo apresentar condições concomitantes como epilepsia, depressão, ansiedade e transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) (OPAS, 2020). O espectro possui um grau de gravidade que oscila de pessoa para pessoa, podendo ser um quadro leve e com total independência e baixa dificuldade adaptativa, até pessoas que dependem de assistência para suas atividades de vida diárias ao longo da vida (SÃO PAULO, 2013).

Regularmente, o TEA leva a criança a vivenciar obstáculos em diversos âmbitos, como em habilidades complexas, dificuldade em posicionar-se, relacionamento interpessoal, compreensão de situações sociais, fala, leitura e desenvolvimento da autonomia (NASCIMENTO et. al., 2022).

Dessa forma, promover a comunicação com crianças dentro do espectro corrobora para uma melhor qualidade de vida e permite um maior desenvolvimento em diversos segmentos da vida (NASCIMENTO et. al., 2022). Assim, o enfermeiro deve compreender a complexidade do TEA, para implementar intervenções no trinômio família, criança e enfermeiro (FERREIRA E THEIS, 2021).

Por ser o profissional que, muitas vezes, tem o maior contato com o paciente, o enfermeiro necessita de maior conhecimento sobre o transtorno (FERREIRA E THEIS, et. al., 2022). Entretanto, os profissionais apresentam um déficit de conhecimento sobre o autismo em crianças e seus sinais e sintomas (NASCIMENTO, 2022 apud. SENA, 2015).

O enfermeiro tem a competência de atuar na capacitação dos pais e meios sociais em que a criança vive, como por exemplo a escola (COFEN, 2021). Além disso, atua também na construção de um plano terapêutico com base nos 47 possíveis diagnósticos de enfermagem existentes para o quadro, determinados por fatores como a comunicação verbal prejudicada, distúrbios no padrão de sono, dificuldade de tomar banho, isolamento social, entre outros (COFEN, 2021).

Portanto, é necessária uma reflexão aprofundada por parte dos enfermeiros sobre a prática, ensino, pesquisa e principalmente no aperfeiçoamento de intervenções e abordagens acerca do conhecimento do autismo (NASCIMENTO, 2022 apud. PINTO, 2016).

Ademais, justifica-se a importância deste trabalho para elucidar se existem métodos de abordagem que podem ser utilizados pelo enfermeiro para aprimorar o atendimento à criança com TEA.

2. OBJETIVO GERAL

Identificar métodos de abordagem que podem ser utilizados pelo enfermeiro para aprimorar o atendimento à criança com TEA.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura que surgiu os seguintes processos: elaboração da pergunta norteadora; busca ou amostragem na literatura, na qual é determinado os critérios de inclusão e exclusão de artigos, estando estes em concordância com a pergunta norteadora; coleta de dados; análise crítica dos estudos incluídos; discussão dos resultados e apresentação da revisão integrativa (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

3.1. Etapa 1: Elaboração da pergunta norteadora

Para a realização dessa revisão integrativa foi elaborada a seguinte pergunta de pesquisa: ***“Existem métodos que podem ser utilizados pelo enfermeiro para aprimorar o atendimento à criança com TEA?”***

Durante o estágio de Saúde da mulher e da criança, vivenciamos situações em que o enfermeiro encontrou dificuldades para atender e se comunicar com crianças autistas. Percebemos que pela falta de conhecimento, alguns enfermeiros tinham uma conduta desapropriada na abordagem as crianças autistas. Esse tipo de comportamento poderia ser amenizado com mais abordagens sobre o espectro autista na graduação, visto que isso proporcionaria uma maior autonomia na assistência com essas crianças.

3.2. Etapa 2 e 3: Busca na literatura e coleta de dados

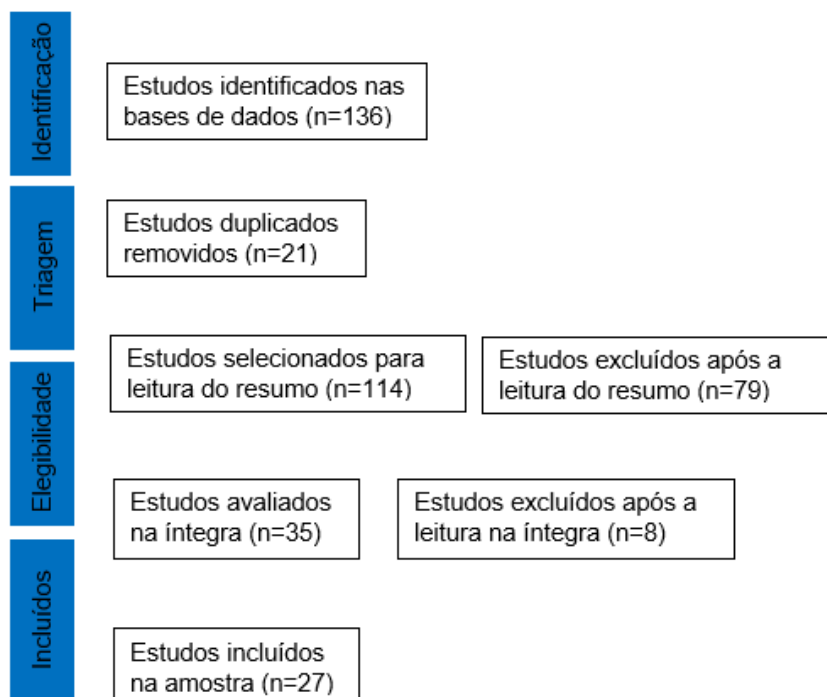
A busca foi realizada no período de 14/07/2022 a 16/08/2022. Para o levantamento dos artigos realizou-se uma busca na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), a qual engloba as seguintes bases de dados: Literatura Latino- Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval System online (Medline), Bases de dados em enfermagem (BDENF), por meio dos descritores, selecionados a partir dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Transtorno do espectro autista”, “Criança”, “enfermagem”, “comunicação” e “criança hospitalizada”. Foram utilizadas 4 estratégias de busca, descritas no Quadro 1.

Quadro 1 – Estratégias de busca e resultados de artigos encontrados e usados.

Descritores	Fonte de informação	Total	Selecionados	Usados
Nursing and autism spectrum disorder and hospitalized child	Lilacs, Medline e BDEF	7	4	3
Coping and autism spectrum disorder and nursing	Lilacs, Medline e BDEF	25	4	2
Transtorno do espectro autista and criança and enfermagem and comunicação	Lilacs, Medline e BDEF	12	5	5
Transtorno do espectro autismo and criança and enfermagem	Lilacs, Medline e BDEF	120	22	16

Os critérios de inclusão utilizados foram: artigos publicados em português e inglês, disponíveis integralmente nas bases de dados selecionadas e que respondam à pergunta norteadora. Os critérios de exclusão foram: revisão, tese, dissertações, artigos de revisão, repetidos e aqueles que não respondem à pergunta norteadora. Para tornar essa pesquisa ainda mais restrita recorreremos aos filtros: corte temporal de 10 anos (2012-2022), texto completo e assunto principal (TEA). Foram selecionados 36 artigos que contemplavam os métodos de inclusão. Foram excluídos 8 artigos que não respondiam a pergunta norteadora, totalizando 28 artigos na amostra final desta revisão integrativa descritos na figura 1.

Figura 1 – Fluxograma de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos estudos. São Paulo, 2022.



3.3. Etapa 4: Análise crítica dos estudos incluídos

Depois de analisar os artigos selecionados, elencamos 4 categorias temáticas: Falta de conhecimento referente ao autismo; Papel do enfermeiro no atendimento da criança com TEA; Influência da relação família-criança no atendimento; Métodos de intervenção que auxiliam na abordagem e plano de cuidado da criança com TEA. Os artigos utilizados em cada categoria estão evidenciados no quadro 2.

Quadro 2 – Artigos selecionados por categoria

Categorias temáticas	Artigos utilizados
Falta de conhecimento referente ao autismo	A1, A3, A8, A11, A16, A19, A20, A21, A22, A24.
Papel do enfermeiro no atendimento da criança com TEA	A1, A2, A3, A4, A6, A8, A9, A10, A11, A14, A15, A16, A18, A19, A20, A21, A22.
Influência da relação família-criança no atendimento	A2, A3, A7, A11, A12, A13, A14, A15, A18, A23, A25, A26.
Métodos de intervenção que auxiliam na abordagem e plano de cuidado da criança com TEA	A5, A8, A11, A13, A15, A17, A20.

3.4. Etapa 5: Interpretação dos dados

Elaboramos a discussão de acordo com a sistematização dos dados apresentados nesta revisão.

4. RESULTADOS

Foram eleitos 26 artigos científicos que respondiam à pergunta norteadora. A seguir é apresentada a relação de artigos selecionados de acordo com seu ano, periódico, título do artigo e objetivo.

Quadro 3: Síntese da coleta de dados de acordo com seu título, ano, revista, autores e objetivos.

	Nome	Ano	Revista	Autores	Objetivos
1	A Scoping Review of Targeted Interventions and Training to Facilitate Medical Encounters for School-Aged Patients with an Autism Spectrum Disorder.	2021	Journal of Autism and Developmental Disorders	Kouo J.L. Kouo, T.S.	Examinar as ferramentas implementadas e/ou intervenções e recomendações que tentam facilitar os encontros médicos e diminuir a ansiedade e o estresse experimentados por indivíduos com TEA e suas famílias.
2	Addressing Needs of Hospitalized Patients With Autism: Partnership With Parents.	2020	Critical Care Nursing Quarterly	Quiban, C.	Apresentar algumas abordagens que possam ajudar a construir relações positivas entre os profissionais e os pais, para entenderem as necessidades das crianças com TEA.
3	Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa.	2020	Enfermería Global	J. M. Magalhães; Lima, F. S. V.; Silva, F. R. O.; Rodrigues, A. B. M.; Gomes, A. V.	Analisar as evidências científicas sobre a assistência de Enfermagem à criança autista.
4	Autism Spectrum Disorders — Diagnosis and Management.	2017	Indian J Pediatr	Mukherjee, S. B.	Desenvolver habilidades que permitam um funcionamento

				ótimo e, na medida do possível, normal, reduzindo simultaneamente o comportamento desadaptado.	
5	Autocuidado da criança com espectro autista por meio das Social Stories	2018	Escola Anna Nery	Rodrigues P.M.S.; Albuquerque M.C.S.; Brêda M.Z.; Bittencourt I.G.S.; Melo G.B.; Leite A.A.	Aplicar o processo de enfermagem da teoria do autocuidado, de Dorothea Orem, e utilizar a Social Stories como ferramenta de aprendizagem aliada à teoria do autocuidado pela criança com Transtorno do Espectro Autista.
6	Benefits of an individualized perioperative plan for children with autism spectrum disorder.	2017	Wiley - Pediatric Anesthesia	Swartz, J.S. ; Amos, K.E. ; Brindas M.; Girling, L.G. ; Graham, M.R.	Determinar a utilidade de um plano individualizado baseado sobre a decisão de fornecer sedação pré-operatória estratificada pela severidade do espectro do autismo nível.
7	Care of Children with Autism Spectrum Disorder.	2015	Journal of Autism and Developmental Disorders	Ellerbeck, K.; Smith, C.; Courtemanche, A.	Descrever o papel e função do médico em "medical home"
8	Caring for children with autism spectrum condition in paediatric emergency departments.	2017	Evidence and Practice / Children's Nursing	Richards, B.	Promover uma abordagem multiestratégica para fazendo ajustes razoáveis para ajudar a atender às necessidades dessas crianças e fornecer-lhes um experiência

					hospitalar positiva.
9	CE: Autism Spectrum Disorder: The Nurse's Role.	2020	American Journal of Nursing	Dunlap, J. J.; Philipek, P. A.;	Discutir a epidemiologia, a triagem e o diagnóstico de TEA, bem como as ações iniciais apropriadas que os enfermeiros podem tomar quando há suspeita de TEA.
10	CE: From the CDC: Understanding Autism Spectrum Disorder.	2020	American Journal of Nursing	Christensen, D.; Zubler, D.;	Discutir os fatores de risco para TEA, sua epidemiologia, condições concomitantes comuns, avaliação, diagnóstico, tratamentos e resultados.
11	Children with autism spectrum disorder at a pediatric hospital: a systematic review of the literature.	2013	Pediatric Nursing	Johnson, N. L.; Rodriguez, D.;	Descrever os comportamentos que são desafiadores para os profissionais de saúde e identificar estratégias usadas para lidar com comportamentos quando crianças com TEA estão hospitalizados.
12	Convivência com filhos com transtorno do espectro autista: desvelando sentidos do ser-á-mãe.	2020	Rev. Baiana de Enfermagem	Rendon, D.C.S; Salimena, A.M.O; Amorim, T.V.; Paiva, A.C.P.C.; Melo, A.C.S.C.; Batista, B.L.V.	Desvelar sentidos de mães na convivência com filhos acometidos pelo transtorno de espectro autista (TEA)

13	Creating a Sensory-Friendly Pediatric Emergency Department.	2019	Journal Of Emergency Nursing	Wood, E. B.; Halverson, A. H.; Harrison, G.; Rosenkranz, A.	Descreva o processo de PI que nossa unidade passou em uma jornada para criar um departamento de emergência pediátrica sensorial baseado em evidências e apresentar um modelo que outras instituições podem seguir para embarcar em sua própria iniciativa.
14	Fathers' Experience With Autism Spectrum Disorder: Nursing Implications.	2016	Journal of Pediatric Health Care	Frye, L	Descrever a experiência dos pais com o TEA, utilizando suas próprias palavras e identificar quais recursos são necessários para ajudá-los a se envolverem ativamente em seu papel como pai de uma criança com TEA.
15	Handle with Care: Top Ten Tips a Nurse Should Know Before Caring For a Hospitalized Child with Autism Spectrum Disorder.	2015	Pediatric Nursing	Jolly, A. A.	Familiarizar a enfermeira pediátrica com TEA e criar um recurso para o tratamento hospitalar bem-sucedido de uma criança com o transtorno.
16	Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura:	2021	Rev. de Atenção Primária	Corrêa, I. S.; Gallina, F.; Schultz, L. F	Descrever o conhecimento da enfermeira da Estratégia da Saúde da Família (ESF) sobre indicadores para

	conhecimento das enfermeiras.				triagem do TEA e sua experiência na aplicabilidade prática de puericultura.
17	Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial.	2016	Texto & Contexto Enfermagem	Franzoi, M. A. H; Santos, J. L. G; Backes, V. M. S; Ramos, F. R. S	Relatar a experiência da utilização da música como tecnologia de cuidado em enfermagem às crianças com transtorno do espectro do autismo em um CAPSi
18	Linking the Medical and Educational Home to Support Children With Autism Spectrum Disorder: Practice Recommendations.	2018	Clinical Pediatrics	Shahidullah, J. D; AZAD, G; Mezher, K. R; McClain, M. B; McIntyre, L. L	Destacar a prestação de cuidados baseados em evidências dentro da residência médica e domiciliar educacional e oferecer recomendações práticas para os prestadores de cuidados primários na integração desses sistemas para lidar de forma otimizada com a complexa sintomatologia médica, intelectual e psiquiátrica afetada pelo autismo.
19	Nurses Identify Education and Communication Among Professionals as Essential in Serving ASD Children.	2016	National Association of School Nurses	McIntosh, C. E.; Thomas, C. M.; Brattain, C. K.	Identificar o conhecimento atual sobre TEA das enfermeiras da escola de Indiana e como elas utilizam esse conhecimento

				quando trabalham com crianças com TEA, e identificar as necessidades futuras das enfermeiras escolares ao trabalharem com crianças com TEA.
20	Nursing care for pediatric patients with autism spectrum disorders: A cross-sectional survey of perceptions and strategies.	2021	Wiley Periodicals LLC	Mahoney, WJ; Sompolski, M; Hammond, C; Villacrusis, M; Iwanski, B; Abraham, G; Charman, A. Descrever as perspectivas do pessoal de enfermagem sobre o cuidado de crianças com TEA no hospital, estratégias que utilizam para apoiar os cuidados e as relações entre estes fatores.
21	O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano.	2020	ABCS Health Sci	Soeltl, SB; Fernandes, IC; Camillo, SO. Analisar, com base nos princípios abordados na Teoria do Cuidado Humano, o conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos TEA e a abordagem do tema durante a formação profissional
22	Paediatric nurses' knowledge and experience of autism spectrum disorders: An Italian survey.	2019	Journal of Child Health Care	Corsano, P; Cinotti, M; Guidotti, L. Investigar os conhecimentos dos enfermeiros pediátricos sobre TEAs e a sua experiência com crianças com TEA.
23	Parent Perceptions of Care Received by Children With an Autism Spectrum Disorder.	2016	Journal of Pediatric Nursing	Russell, S e McCloskey, CR. Procurou reunir a percepção dos pais para as respostas em falta que são necessárias para

				informar a prática.
24	Patient- and Family-Centered Care in the Emergency Department for Children With Autism.	2020	PEDIATRICS	Nicholas, DB; Muskat, B; Zwaigenbaum, L; Greenblatt, A; Ratnapalan, S; Kilmer, C; Craig, W; Roberts, W; Silver, JC; Newton, A; Sharon, R. Examinar como os elementos dos cuidados centrados no paciente e na família eram experimentados e aplicados em relação aos cuidados do departamento de emergência às crianças com TEA.
25	Sensory Behaviors in Minimally Verbal Children With Autism Spectrum Disorder: How and When Do Caregivers Respond?	2018	American journal on intellectual and developmental disabilities	Harrop, C; Tu, N; Landa, R; Kasier, A; Kasari, C. Obter uma compreensão mais profunda de como os comportamentos sensoriais da criança afetam os comportamentos dos prestadores de cuidados.
26	Vivências familiares na descoberta do Transtorno do Espectro Autista: implicações para a enfermagem familiar	2020	Rev. Brasileira de Enfermagem	Bonfim, T. A; Giacom-arruda, B. C. C; Hermes-uliana, C.; Galera, S. A. F.; Descrever a Vivência da família no processo de descoberta do diagnóstico e início do tratamento de crianças com TEA.

Gráfico 1: Anos de publicação dos artigos selecionados

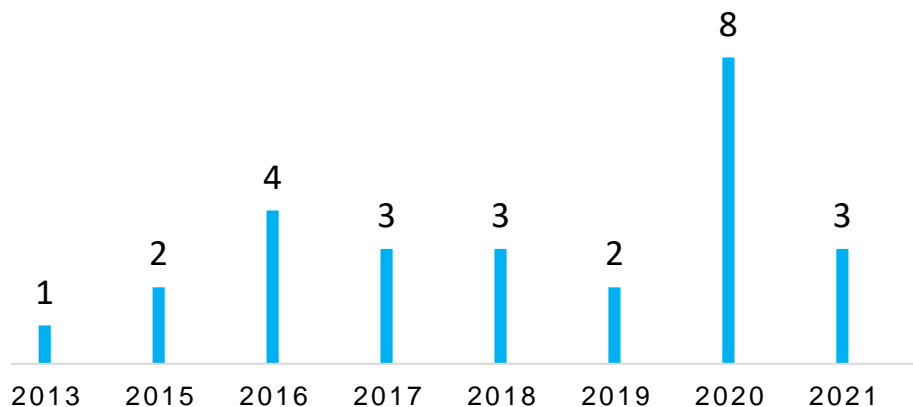
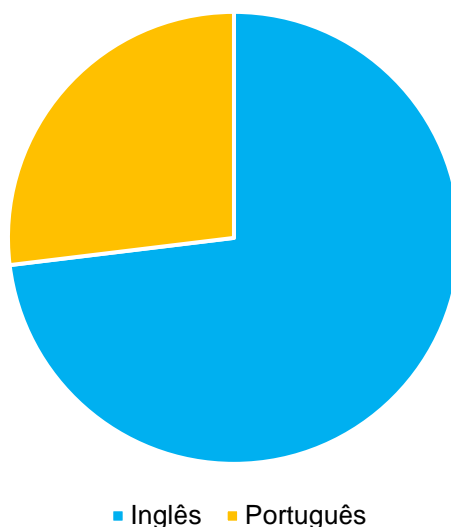


Gráfico 2: Idiomas dos artigos selecionados

Dos 26 artigos selecionados, 19 eram em inglês e somente 7 em português. Com isso nota-se que o assunto ainda é pouco estudado no Brasil o que dificultou encontrar um maior número de artigos no idioma.

Quadro 4: Métodos para abordagem encontrados

Métodos que auxiliam na abordagem da criança com TEA
Intervenção musical
Caixa sensorial/kit de enfrentamento
Livro de imagens
Histórias sociais

Quadro 5: Seleção de artigos por temas

Temas	Artigos selecionados – 100%
Falta de conhecimento referente ao autismo	38,46%
Papel do enfermeiro no atendimento	65,38%
Relação dos pais com a criança e no atendimento	46,15%
Métodos de intervenção que auxiliam na abordagem e plano de cuidado da criança com TEA	26,92%

5. DISCUSSÃO

5.1. Falta de conhecimento referente ao autismo

Segundo Magalhães et al. (2020) a falta de conhecimento sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) pelos enfermeiros é um fator que afeta cada vez mais a rotina de assistência, por isso, os autores evidenciam que os profissionais se sentem mais competentes a prestar cuidados a crianças com condições médicas graves, do que a crianças dentro do espectro.

De acordo com Soelt, Fernandes, Camillo (2020) e Corsano, Cinotti, Guidotti (2019), um dos fatores que colabora com a insegurança do enfermeiro na assistência do paciente com TEA, é o fato de ter-se uma pequena/nula abordagem sobre o assunto, fazendo com que o futuro profissional não se sinta preparado para atender demandas da criança autista e de sua família após a formação.

A inclusão deste assunto nos currículos de graduação de enfermagem é necessária quando os profissionais necessitam se comunicar e prestar o atendimento lhes faltam conhecimento e aproximação com a temática (CORRÊA, GALLINA, SCHULTZ, 2021). O estudo de Nicholas et al. (2020), evidencia que profissionais de enfermagem não tiveram treinamento suficiente sobre o TEA e com isso se sentiram despreparados para prestar os cuidados.

Além da falta de conhecimento gerar insegurança e despreparo nos enfermeiros, também acarreta dificuldade na realização de procedimentos, visto que os mesmos podem desencadear crises de comportamento nas crianças (CORSANO, CINOTTI, GUIDOTTI, 2019).

De acordo com o estudo realizado por Mahoney et al. (2021), enfatizou-se um conhecimento limitado sobre o autismo e o aumento de compreensão que conseqüentemente aumentaria a eficácia de atendimento. Entretanto, este estudo demonstrou que mesmo com um alto conhecimento teórico, os cuidados eficazes foram associados ao treinamento prévio e interação com pessoas com TEA na vida pessoal ou profissional.

Na Itália, Corsano, Cinotti, Guidotti (2019), também identificaram a importância de redefinir os cursos de graduação no país, inserindo o autismo

como matéria de destaque, visando aumentar a competência específica dos enfermeiros.

A falta de abordagem sobre o TEA pode ser entendida como um reflexo da ausência de estudos e pesquisas sobre o assunto. Isso se dá pelo fato que o aumento da prevalência do autismo é relativamente novo, sendo muito cedo para ter uma base de pesquisa (JOHNSON e RODRIGUEZ, 2013).

É importante que haja um aumento de estudos e pesquisas científicas por parte da enfermagem sobre este assunto, para nortear a prática dos profissionais da saúde (SOELT, FERNANDES, CAMILLO, 2020).

Ainda assim, Correa, Gallina e Schultz (2021), destacam que o assunto é pouco abordado em artigos nacionais e internacionais publicados pela enfermagem.

Acessando informações de educadores e informações disponíveis em um plano educacional, os profissionais demonstram maior proatividade e aplicam práticas eficazes, portanto essa busca por conhecimento favoreceria o tratamento contínuo nos ambientes em que a criança está inserida (KOUO, KOUO, 2020).

De acordo com Mahoney et al. (2021), os hospitais devem fornecer recursos para respaldar o profissional de enfermagem nos cuidados prestados, começando pelo treinamento da equipe que deve focar em aumentar o número de estratégias.

Richards (2017), pontua que o treinamento deve incluir alguns tópicos importantes, dentre eles, a definição do autismo, suas principais características, desafios do atendimento no ambiente hospitalar, tipos e ferramentas de comunicação e a importância de um plano de cuidado único e específico.

A educação continuada é necessária para que os profissionais atualizem suas competências (MCINTOSH et al., 2015). Além dos treinamentos, conteúdos como vídeos educacionais, kits com instrumentos que facilitem o atendimento, podem ser também formas que asseguram uma assistência eficaz (MCINTOSH et al., 2015).

Mahoney et al. (2021) ainda pontua que pesquisas futuras podem evidenciar o impacto e a eficácia causados pelas estratégias aprendidas nos treinamentos feitos pela equipe de enfermagem e, por consequência, como a equipe bem treinada afeta na satisfação do paciente.

5.2. Papel do enfermeiro no atendimento da criança com TEA

Assim que a criança é identificada como autista no serviço de saúde, o enfermeiro deve contatar o cuidador em busca de informações para determinar o melhor método de elaboração do plano de cuidado, tendo em vista que crianças com TEA necessitam de melhorias contínuas (SWARTZ et al., 2017). Um plano de cuidado bem desenvolvido pode fornecer informações úteis a outras áreas de saúde e facilita o atendimento de pacientes autistas durante consultas hospitalares, visitas ao pronto-socorro ou consultas clínicas (SWARTZ et al., 2017).

Para os planos de cuidado individualizados, é necessário um investimento inicial de tempo e recursos, pois para atender as necessidades individuais de cada paciente dentro do espectro autista, é necessário que sejam coletadas informações através das famílias e agir de acordo com as sugestões, o que pode prolongar ainda mais as consultas (KOUO E KOUO, 2020). Segundo Mukherjee (2017) e Christensen e Zubler (2020), devem se considerar planos individualizados que atendam aos aspectos fortes e vulneráveis da criança, além dos sintomas concomitantes ao realizar o exame físico e cuidados.

O papel do enfermeiro dentro da assistência ao paciente autista é fundamental para o desempenho do processo de trabalho (MAGALHÃES et al., 2020). Pelo fato do cuidado ser parte da essência da enfermagem e seu atributo mais precioso para oferecer aos pacientes, têm-se o controle para promover mudanças na saúde do indivíduo (SOELTI, FERNANDES, CAMILLO, 2021).

Para cada criança o transtorno se manifesta de uma forma individual, a enfermeira deve estar preparada para ter uma visão humanística e identificar as principais necessidades da criança (SOELTI, FERNANDES, CAMILLO, 2021). Desse modo, a Teoria do Cuidado Humano de Dorothea Orem pode embasar a assistência, visto que tem a enfermagem como ciência humana e leva em

consideração as particularidades de cada indivíduo (SOELTI, FERNANDES, CAMILLO, 2021).

O enfermeiro que busca desenvolver sua sensibilidade e empatia, torna-se cada vez mais autêntico, assim podendo aprender mais sobre a visão de mundo dos pacientes e prezar pelo conforto, recuperação e bem-estar (SOELTI, FERNANDES, CAMILLO, 2021). O profissional que desenvolve essas qualidades, estabelece uma relação de ajuda-confiança com o paciente, colocando-se integralmente no cuidado (SOELTI, FERNANDES, CAMILLO, 2021).

Quanto mais sensibilizado às particularidades da criança o enfermeiro é, mais rápido o processo de cuidado a afeta, tornando-se integral (SOELTI, FERNANDES, CAMILLO, 2021). Portanto, revela-se a necessidade de um olhar sem preconceitos e atento às necessidades, uma vez que a comunicação oral por parte do paciente com TEA pode ser prejudicada (MAGALHÃES et al., 2020).

A escuta qualificada é parte essencial da assistência de Enfermagem à criança autista, pois nos serviços de saúde, os enfermeiros têm função de ser os olhos e os ouvidos da equipe (FRYE, 2016). É necessário ler as entrelinhas e enxergar além do que está visível aos olhos, preocupar-se e atentar-se ao outro também é uma forma de cuidado (MAGALHÃES et al., 2020).

Incluir as crianças na conversa é de extrema importância, pois quando se trata de pacientes autistas, não se pode presumir que a criança não está interessada devido à sua dificuldade de se expressar (QUIBAN, 2020). Segundo Johnson e Rodrigues (2013) e Jolly (2015), a enfermagem deve sempre se comunicar com a criança com TEA de forma individual, dando a ela poder de escolha, perguntando se pode tocá-la ou o que deseja fazer primeiro, utilizando uma linguagem simples e tom de voz suave. Essas ações diminuem a ansiedade e auxiliam a criança a exercitar sua capacidade de comunicar, ter um maior grau controle e tomar decisões.

Compreender as necessidades específicas da população autista é dever dos enfermeiros, bem como adequar a comunicação e as estratégias de interação para proporcionar um tratamento eficaz (CORSANO, CINOTTI E GUIDOTTI, 2019). O ambiente também é parte importante, logo, mover a criança

para uma área mais silenciosa e realizar apenas intervenções clínicas essenciais pode ajudar a melhorar a experiência de atendimento para as crianças e família (RICHARDS, 2017).

O manejo individualizado para crianças com TEA é benéfico desde as primeiras consultas de enfermagem (SWARTZ et al., 2017). Sendo assim, é importante que os enfermeiros saibam identificar precocemente os sinais iniciais do TEA, auxiliando no encaminhamento prévio para um diagnóstico precoce e início de terapias especializadas, o que favorece as condições do desenvolvimento futuro da criança (CORRÊA, GALINA E SCHULTZ, 2021).

O diagnóstico do TEA é um desafio, visto que até o momento presente, não há relatos sobre biomarcadores ou testes médicos que possam distinguir pacientes autistas (CHRISTENSEN E ZUBLER, 2020). Portanto, para realizar o diagnóstico, os profissionais de saúde baseiam-se no histórico de desenvolvimento e relatos dos pais e cuidadores em resposta às perguntas sobre comportamentos relacionados ao TEA (CHRISTENSEN E ZUBLER, 2020).

Uma das formas de detecção precoce ocorre durante as consultas de puericultura, onde o enfermeiro irá determinar possíveis riscos e alterações no desenvolvimento infantil (CORRÊA, GALINA E SCHULTZ, 2021). Por exemplo, atrasos na comunicação ou no comportamento da criança podem ser notados a partir dos nove meses, de modo que reforce a observação de sinais precoces pelo enfermeiro (CORRÊA, GALINA E SCHULTZ, 2021).

Os enfermeiros também têm um papel crítico na vigilância e coordenação através de ações como: levantar o histórico do desenvolvimento, acompanhamento de encaminhamento solicitados, perceber padrões de desenvolvimento em crianças mais velhas, comunicar-se e entender quais são comportamentos sugestivos ao TEA (CHRISTENSEN E ZUBLER, 2020). O enfermeiro que detém esse conhecimento de uma forma clara, tem função importante em assegurar os direitos da criança com TEA que ao ser diagnosticada precocemente, terá a intervenção apropriada (DUNLAP E FILIPEK, 2020).

Considerando a área de Estratégia de Saúde da Família, o profissional de enfermagem precisa estar apto para realizar o rastreamento de alterações no desenvolvimento da criança, através de instrumentos que estão disponíveis nas diretrizes do Ministério da Saúde, desde que tenha conhecimento e preparo para tal ação (CORRÊA, GALINA E SCHULTZ, 2021).

Há uma grande vantagem na enfermagem em comparação às outras áreas, quando se trata de contato direto com a família, abrindo espaço para questionar sobre de que forma a criança se expressa (JOHNSON E RODRIGUES, 2013). Devido a esse contato, durante a admissão, facilita a obtenção de informações necessárias para o desenvolvimento de um plano de cuidado específico para o paciente autista (QUIBAN, 2020).

Ao haver uma parceria entre família e equipe, os profissionais podem acalmar o ambiente ao redor e evitar um maior estresse à criança autista hospitalizada (JOHNSON E RODRIGUES, 2013). A enfermeira deve perguntar à família quais métodos são utilizados para acalmar o paciente quando está em casa, para poder aplicar essas técnicas durante a internação e garantir que o restante da equipe tenha conhecimento sobre os métodos apropriados (JOLLY, 2015).

Segundo McIntosh, Thomas e Brattain (2015) e Mahoney et al. (2021), o envolvimento do enfermeiro no cuidado ao paciente com TEA pode ser complicado pela falta de histórico de saúde atualizado e pela recusa dos responsáveis em fornecer informações, com receio das crianças serem rotuladas ou por terem uma comunicação ruim entre equipe e família, o que gera uma barreira no processo de cuidado. Desse modo, ao ponto que a comunicação evolui, torna-se um facilitador durante a assistência (MAHONEY et al., 2021).

De acordo com Frye (2016), os pais de crianças autistas sentiam que os profissionais de saúde não consideravam suas preocupações e, por consequência, retardavam o diagnóstico e o encaminhamento para intervenções.

Segundo Corsano, Cinotti e Guidotti (2019) e Shahidullah et al. (2018), a competência sobre TEA é importante para que a enfermeira possa criar uma equipe multiprofissional com uma grande variedade de profissionais, que

complementem os saberes entre si em prol do bem-estar e cuidado da criança. Sendo assim, o atendimento prestado pela equipe multiprofissional deve visar um cuidado qualificado, com base nas orientações da família e criando um plano terapêutico singular para cada paciente autista (MAGALHÃES et al., 2020).

5.3. A influência da relação família-criança

O Transtorno do Espectro Autista é um distúrbio de neurodesenvolvimento que perpetua ao longo de toda vida, afetando diretamente os planos de longo prazo, tanto da criança autista quanto dos familiares (FRYE, 2016). Após a descoberta do TEA, a condição tende a tornar-se uma questão presente no dia a dia da família, exigindo que todos os membros se adaptem aos desafios associados (FRYE, 2016).

Quiban (2020) relata que os pais encontram certas dificuldades para lidar com os desafios diários, o que reduz a capacidade de desempenho das atividades diárias, podendo afetar o envolvimento na hospitalização da criança autista.

A enfermagem tem papel importante na vigilância dos sintomas e para se ter uma avaliação abrangente deve incluir os pais e perguntar, em todas as consultas, sobre suas preocupações em relação ao desenvolvimento ou comportamento de seu filho (ELLERBECK, SMITH E COURTEMANCHE, 2015).

O processo de diagnóstico do TEA para as famílias, costuma ser longa, custosa e complexa, devido a falta de atenção da equipe de saúde em relação aos sintomas de alerta para o TEA (ELLERBECK, SMITH E COURTEMANCHE, 2015).

A falta de comprometimento por parte dos profissionais de saúde, é interpretado pelos pais e responsáveis como falta de acolhimento, o que leva ao questionamento acerca da ausência de humanização, escuta ativa e qualificada, especialmente da enfermagem, com relação às demandas do paciente (RENDON et al., 2020). Ainda de acordo com Rendon et al. (2020), a invisibilidade do enfermeiro nesse processo evidencia a necessidade de um olhar mais sensível.

Além do olhar sensível, os pais almejam alguém que os escutem, acolham suas preocupações sem julgamentos e que os ajudem e ensinem sobre o TEA, tanto para a família quanto para outras pessoas (FRYE, 2016). Por conta dos julgamentos previamente enfrentados, devido ao comportamento de seus filhos e as tentativas de não aborrecer a criança, é comum que descrevam um sentimento de constrangimento e estigmatização (JOHNSON E RODRIGUEZ, 2013).

Russell e McCloskey (2015) relatam que os pais esperam e desejam para seus filhos a independência, informação sobre o autismo e capacidade de tomar decisões com relação a seus cuidados de saúde. Além disso, compartilham as dificuldades que os filhos encontram em desenvolver relacionamentos e têm esperança de que futuramente haja maior aceitação por parte das pessoas, que possam fazer amigos, amem e sintam-se amados (RUSSELL E MCCLOSKEY, 2015).

Além das preocupações diárias, os pais de crianças autistas enfrentam diversas situações estressantes dentro e fora do núcleo familiar, envolvendo questões físicas, comportamentais e a saúde mental associada ao TEA (SHAHIDULLAH et al., 2018).

Os tipos e quantidades de recursos variam de família para família, cada uma tendo um nível de energia, saúde, habilidades, perspectiva, apoio social e recursos financeiros disponíveis para lidar com os problemas (QUIBAN, 2020). A capacidade dos pais para lidar com os problemas inerentes ao papel de cuidador, é essencial para atingir as metas propostas pelo plano de cuidado (QUIBAN, 2020).

Os responsáveis relatam o uso de diferentes estratégias, inclusive a mudança de seus próprios comportamentos para se adaptarem ao comportamento de seus filhos autistas (HARROP, 2018).

Diante de todo esforço desenvolvido e dificuldades encontradas, os pais relatam que estariam dispostos a viajar para um hospital, mesmo que longe de suas casas, para que a criança tenha um atendimento integral com uma equipe bem treinada, que considere as necessidades de seus filhos (WOOD et al., 2019).

Considerar essas questões de qualidade de vida da família e como os membros são afetados, é uma forma de transmitir empatia e apoio, que é muito valorizada pelos pais (RUSSELL E MCCLOSKEY, 2015). Solicitar o ponto de vista dos pais para desenvolver o plano de cuidado, gerou sentimento de gratidão por parte da família (RUSSELL E MCCLOSKEY, 2015).

Quiban (2020) evidencia que a enfermagem pode se apropriar da experiência dos pais e tê-los como parceiros no cuidado, proporcionando uma experiência hospitalar adequada e agradável. Como por exemplo: incluir os pais no processo de enfermagem e nos cuidados prescritos, ter conhecimento da preferência dos pais quanto a procedimentos invasivos, explicar e descrever cada etapa do procedimento, questionar sobre as principais necessidades da criança e evidenciar as mesmas no prontuário para que toda equipe tenha conhecimento (QUIBAN, 2020).

Ter um rosto conhecido próximo à criança durante a hospitalização, traz a sensação de familiaridade e pode diminuir a frequência de comportamentos de agitação, fazendo com que a criança fique mais propensa a seguir o plano de cuidado (JOLLY, 2015). A família também pode ajudar a identificar gatilhos e o melhor método de comunicação (JOLLY, 2015).

Uma das formas de abordagem da enfermagem é na escuta efetiva das preocupações que cercam os pais/cuidadores, com o objetivo de elaborar intervenções educativas que auxiliem no enfrentamento dos desafios e melhor estadia hospitalar (MAGALHÃES et al., 2020).

Os profissionais de saúde devem contar com a família para auxiliarem nos cuidados às crianças, pois os pais conhecem melhor seus filhos e, para isso, a saúde mental dos pais deve ser cuidada (JOHNSON E RODRIGUEZ, 2013)

Quiban (2020) relata que os pais, muitas vezes, podem apresentar uma certa ansiedade e cansaço. A enfermagem pode incentivá-los a usar serviços de descanso afim de promover uma melhor gestão de sua energia, aliviando o estresse ocasionado pelo ambiente hospitalar, o que faz com que eles estejam mais dispostos a colaborar com o tratamento de seus filhos (QUIBAN, 2020).

Reconhecer e aceitar as preocupações dos pais é uma das ações mais importantes da enfermagem para ajuda-los a superar os sentimentos de isolamento, negação e raiva, sendo assim, podem encorajar os pais a participarem de grupos de apoio, para ouvirem a vivência de outros pais de crianças autistas e se sentirem acolhidos e pertencentes por saberem que não são os únicos a enfrentarem os desafios do transtorno (FRYE, 2016).

A enfermagem pode se basear em intervenções que reconheçam a família como unidade de cuidado, buscando assisti-las a fim de promover o empoderamento para enfrentar desafios (BONFIM et al., 2020). Desse modo, contribuem para a redução do estresse e sofrimento, na interação entre a família e criança e visando aumentar a qualidade de vida dos envolvidos (BONFIM et al., 2020).

O enfermeiro é um educador em saúde e, quando capacitado, pode se tornar um diferencial no desenvolvimento da relação pais-filhos proporcionando conhecimento e oferecendo apoio e acolhimento, com o objetivo de prestar cuidado integral (RENDON et al., 2020).

5.4. Métodos de intervenção que auxiliam na abordagem e no plano de cuidado da criança com TEA

As crianças autistas chegam ao ambiente de saúde e apresentam suas necessidades sensoriais específicas, portanto, existem modificações que podem ser feitas pela equipe de enfermagem para deixar o ambiente mais confortável e receptivo (WOOD et al., 2019). Além das alterações no ambiente, o uso de linguagem calma e concreta é importante para evitar a superestimação (JOHNSON E RODRIGUEZ, 2013).

Os métodos de intervenções têm como objetivo minimizarem comportamentos fora do esperado, a fim de obter resultados positivos para a criança autista dentro do ambiente de saúde (JOHNSON E RODRIGUEZ, 2013).

Um dos métodos conhecidos que tem demonstrado eficácia chama-se Social Stories, que permite explorar o significado dos comportamentos pela perspectiva da criança (RODRIGUES et al., 2017). A técnica apresenta diversos benefícios, como a melhoria da interação social, porém no Brasil pouco se sabe

sobre os efeitos devido à falta de material científico produzido sobre o assunto (RODRIGUES et al., 2017).

O objetivo das Social Stories é descrever de forma lúdica a trajetória que a criança fará dentro do ambiente (RICHARDS, 2017). O passo a passo deve ser descrito utilizando uma linguagem simples e, de preferência, conter ilustrações, pois observou-se que as imagens são recursos positivos no processo de ensino-aprendizagem da criança, atraindo a atenção e facilitando a memorização (RODRIGUES et al., 2017).

As Social Stories tendem a serem curtas, descrevem para a criança como será o atendimento e como as pessoas respondem em diferentes situações e ambientes (RICHARDS, 2017). A técnica ajuda a direcionar certos comportamentos, auxilia a situar a criança com relação ao ambiente, ajudam a reduzir a ansiedade e auxiliam o paciente no autocuidado, baseando-se na teoria de Dorothea Orem, em que o enfermeiro incentiva o paciente a tornar-se agente de seu autocuidado (RODRIGUES et al., 2017).

Outra forma de apresentação do método de Social Stories, é através de pacotes de suporte visual, em que livretos contém vários símbolos que representam setores e situações comuns dentro do hospital, como por exemplo: Raio-X, observações, espera pelo médico, etc (RICHARDS, 2017). O livreto pode ser dividido em dois lados, onde um contém uma série de símbolos em velcro que são colados em ordem do outro lado (RICHARDS, 2017).

O uso de recursos visuais, como tabelas e imagens, quadros de comunicação, rotular objetos, são ferramentas de comunicação que são eficientes para pacientes autistas (JOLLY, 2015). Além disso, o uso de recursos lúdicos, potencializam a autonomia, a criatividade, a coordenação motora, concentração, paciência e habilidade para trabalhar em grupo da criança (RODRIGUES et al., 2017).

Um fator que pode aumentar a ansiedade das crianças com TEA é a falta de imaginação social, portanto, outra técnica que pode ser utilizada são os kits de enfrentamento, que contém brinquedos sensoriais, sistemas de comunicação de troca de imagens, jogos e protetores auriculares que podem ser utilizados durante a espera ou durante os procedimentos (RICHARDS, 2017).

O kit de enfrentamento também pode ser apresentado no formato de carrinho sensorial que contém todos os recursos necessários para a criança e podem ser transportados pela unidade de saúde (WOOD et al., 2019).

A intervenção musical também tem sido muito utilizada durante o tratamento de crianças autistas e consiste no uso da música como recurso terapêutico, guia ou recurso facilitador entre o profissional de saúde e o paciente, para conduzir o atendimento ou levar o paciente a entrar em contato consigo mesmo (FRANZOI et al., 2016). Assim, visa estimular e ampliar a linguagem, a socialização e respostas do paciente com relação ao ambiente (FRANZOI et al., 2016).

A intervenção musical dirigida a crianças com TEA contempla diferentes atividades musicais terapêuticas, como o canto, a improvisação e recriação musical, movimentos corporais com a música e a dança, a audição musical, uso de vídeos musicais, elaboração de histórias musicadas/cantadas, além da utilização de instrumentos musicais tanto pelo terapeuta como pela criança (FRANZOI et al., 2016).

Desse modo, a intervenção musical auxilia no rompimento de padrões de isolamento, favorecem a comunicação seja ela verbal ou não verbal, diminui comportamentos não esperados, além de estimular a autoexpressão da criança com TEA e desenvolver a experimentação de diferentes maneiras de brincar (FRANZOI et al., 2016).

Como outro benefício da intervenção musical, contribui para proporcionar momentos de interação da criança com o enfermeiro, através da criação de canções, gestos e ritmos relacionados à ecolalia de cada paciente autista (FRANZOI et al., 2016).

O Conselho Regional de Enfermagem do Estado de São Paulo (COREN-SP) é favorável uso da intervenção musical no cuidado aos pacientes, sendo assim, emitiu o parecer n. 025/2010, relacionado à competência do enfermeiro para implementar essa técnica (FRANZOI et al., 2016). Entretanto, o enfermeiro deve ter conhecimento e competência para aplicar tal intervenção, com base no Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem para uma assistência de qualidade (FRANZOI et al., 2016).

Mesmo a intervenção musical apresentando diversos benefícios, o enfermeiro deve levar em consideração em quais condições pode ser aplicada, pois essa técnica pode apresentar efeitos iatrogênicos (FRANZOI et al., 2016), pois pode levar à sobrecarga do sistema nervoso de crianças autistas que tenham percepções auditivas diferentes de crianças neuro típicas, aumentando as reações de autoestimulação e comportamentos não esperados como consequência (FRANZOI et al., 2016).

Ter em mãos diferentes estratégias de abordagem à criança com TEA está associada a uma maior eficácia no atendimento (MAHONEY et al., 2021). Mahoney et al., (2021), evidenciou que quanto maior a interação com pessoas com TEA, maiores são as possibilidades de intervenção e técnicas para serem aplicadas no atendimento, logo, existem diversos ambientes possíveis que a enfermagem pode intervir e melhorar.

6. CONCLUSÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) abrange um conjunto de condições que afetam o desenvolvimento cognitivo da criança, comprometendo em algum nível seu comportamento social. No Brasil, não há dados atualizados sobre a prevalência do transtorno, entretanto, em países em que o assunto é mais discutido e se tem um maior número de pesquisas como os Estados Unidos, sabe-se que o autismo afeta 1 a cada 36 crianças.

O trabalho possibilitou enxergar que a falta de conhecimento dos enfermeiros sobre o TEA provém desde a graduação, aonde o tema não é devidamente abordado. Como consequência, é possível notar que esse déficit de conhecimento afeta diretamente a rotina de assistência desses pacientes. O crescimento do número de diagnósticos de TEA fechados possibilita que pesquisas futuras evidenciem ainda mais como o impacto de uma equipe bem treinada com relação ao transtorno beneficia a assistência.

O papel do enfermeiro na assistência à criança com TEA é de grande responsabilidade, visto que têm a função de adequar o plano de cuidado de forma individual, treinar sua equipe para lidar com pacientes dentro do espectro, utilizar a escuta qualificada e uma comunicação clara, tanto com o paciente quanto com a família. Nota-se que o enfermeiro executa diversas funções que são essenciais para uma hospitalização tranquila da criança com TEA.

Percebe-se que nesse momento de vulnerabilidade, a família precisa de maior acolhimento e vê no enfermeiro uma figura de suporte para depor suas inseguranças, além de saber que as particularidades de seus filhos serão respeitadas durante o tratamento.

Por fim, através das técnicas levantadas, evidencia-se que o enfermeiro possui vários métodos para prestar uma assistência integral, que respeite a individualidade do paciente e seu núcleo familiar, sendo respaldado pelo Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo. Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi atingido, elencando métodos efetivos de intervenção.

Ademais, destaca-se a relevância dessa pesquisa para fomentar a importância da capacitação dos enfermeiros acerca do assunto e manterem-se atualizados sobre métodos que podem corroborar para o aprimoramento do atendimento de enfermagem.

REFERÊNCIAS

CHRISTENSEN, D.; ZUBLER, J. CE: From the CDC: Understanding Autism Spectrum Disorder. **The American journal of nursing**, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/01.NAJ.0000718628.09065.1b>. Acesso em: 14 AGO 2022

Conselho Federal de Enfermagem. **Enfermagem melhora qualidade de vida dos pacientes autistas**. 2021. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/enfermagem-melhora-qualidade-de-vida-dos-pacientes-autistas_91927.html. Acesso em: 16 AGO 2022.

CORSANO, P.; CINOTTI, M.; GUIDOTTI, L.; Paediatric nurses' knowledge and experience of autism spectrum disorders: An Italian survey. **Journal of child health care : for professionals working with children in the hospital and community**. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1367493519875339>. Acesso em: 16 AGO 2022

DUNLAP, J.J.; FILIPEK, P.A. CE: Autism Spectrum Disorder: The Nurse's Role. **The American journal of nursing**, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/01.NAJ.0000721236.69639.e3>. Acesso em: 16 AGO 2022

FERREIRA, T.; THEIS, L.; A Atuação do Enfermeiro na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reaenf.e10523.2022> Acesso em: 14 AGO 2022

FRANZOI, M. A. H., SANTOS, J.L.G.; BACKES, V.M.S.; RAMOS, F.G.S. Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial. **Texto & Contexto - Enfermagem**, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-070720160001020015> Acesso em: 16 AGO 2022

FRYE L. Fathers' Experience With Autism Spectrum Disorder: Nursing Implications. **J Pediatr Health Care**. 2016. Disponível em:

10.1016/j.pedhc.2015.10.012. Acesso em: 14 AGO 2022

JOLLY, Adriane A. "Handle with Care: Top Ten Tips a Nurse Should Know Before Caring For a Hospitalized Child with Autism Spectrum Disorder." **Pediatric nursing**. 2015. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26281270/>. Acesso em: 14 AGO 2022

Governo do Estado de São Paulo. **Protocolo do Estado de São Paulo de Diagnóstico Tratamento e Encaminhamento de Pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. 2013. Disponível em: https://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/Content/uploads/20154117642_CARTILHA_AUTISMO_PROTOCOLO_TEA.pdf. Acesso em: 16 AGO 2022.

HARROP, C.; TU, N.; LANDA, R.; KASIER, A.; KASARI, C. Sensory Behaviors in Minimally Verbal Children With Autism Spectrum Disorder: How and When Do Caregivers Respond?. **American journal on intellectual and developmental disabilities**. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1352/1944-7558-123.1.1>. Acesso em: 14 AGO 2022

BONFIM, T.A.; ARRUDA, B.C.C.G.; ULIANA, C.H.; GALERA, S.A.F.; MARCHETI, M.A. Vivências familiares na descoberta do Transtorno do Espectro Autista: implicações para a enfermagem familiar. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0489>. Acesso em: 16 AGO 2022

JOHNSON NL, RODRIGUEZ D. Children with autism spectrum disorder at a pediatric hospital: a systematic review of the literature. **Pediatr Nurs**. 2013. Disponível em: https://epublications.marquette.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1282&context=nursing_fac. Acesso em: 16 AGO 2022

KOUO, J.L; KOUO T.S. A Scoping Review of Targeted Interventions and Training to Facilitate Medical Encounters for School-Aged Patients with an Autism Spectrum Disorder. **J Autism Dev Disord**. 2021. Disponível em: <https://doi.10.1007/s10803-020-04716-9> Acesso em: 14 AGO 2022

MAENNER, M.J.; WARREN, Z.; WILLIAMS, A.R.; et al. Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, **MMWR, United States**, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.ss7202a1>. Acesso em 14 AGO 2022.

MAGALHÃES, J.M.; LIMA, F.S.V.; SILVA, F.R.O.; RODRIGUES, A.B.M.; GOMES, A.V. 2020. Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. **Enfermería Global**. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.6018/eglobal.356741>. Acesso em: 16 AGO 2022

MAHONEY, W.J.; VILLACRUSIS M.; SOMPOLSKI M.; IWANSKI B.; CHARMAN A.; HAMMOND C.; ABRAHAM G. Nursing care for pediatric patients with autism spectrum disorders: A cross-sectional survey of perceptions and strategies. **J Spec Pediatr Nurs**. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jspn.12332>. Acesso em: 14 AGO 2022

MCINTOSH, C. E; THOMAS, C. M; BRATTAIN, C. K; Nurses Identify Education and Communication Among Professionals as Essential in Serving ASD Children. **NASN school nurs**. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1942602X15580798>. Acesso em: 16 AGO 2022

MUKHERJEE S.B. Autism Spectrum Disorders - Diagnosis and Management. **Indian J Pediatr**. 2017. Disponível em: [10.1007/s12098-016-2272-2](https://doi.org/10.1007/s12098-016-2272-2). Acesso em: 14 AGO 2022

NASCIMENTO, A. dos S.; GOMES, A. M.; SANTOS, B. C. da C.; NEVES, W. C.; BARBOSA, J. de S. P. Atuação do Enfermeiro na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem**, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reaenf.e10523.2022>. Acesso em 16 GO 2022.

NICHOLAS, D. B.; MUSKAT, B.; ZWAIGENBAUM, L.; GREENBLATT, A.; RATNAPALAN, S.; KILMER, C.; CRAIG, W.; ROBERTS, W.; COHEN, J.; NEWTON, A.; SHARON, R. Patient- and Family-Centered Care in the

Emergency Department for Children With Autism. **Pediatrics**. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1542/peds.2019-1895L>. Acesso em: 16 AGO 2022

Organização Pan-Americana da Saúde. **Transtorno do espectro autista**. 2020 Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>>. Acesso em: 14 AGO 2022.

PITZ, I.S.C; GALLINA, F.; SCHULTZ, L.F. Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras. **Rev. APS**. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1809-8363.2021.v24.32438>. Acesso em: 16 AGO 2022

QUIBAN, C. Addressing Needs of Hospitalized Patients With Autism: Partnership With Parents. **Critical care nursing quarterly**. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/CNQ.000000000000292>. Acesso em: 16 AGO 2022

RENDON, D. de C. S.; SALIMENA, A. M. de O.; AMORIM, T. V.; PAIVA, A. do C. P. C.; MELO, M. C. S. C. de; BATISTA, B. L. V. Convivência com filhos com Transtorno do Espectro Autista: Desvelando Sentidos do Ser-aí-mãe. **Revista Baiana de Enfermagem**. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/31963>. Acesso em: 14 AGO 2022

RICHARDS, B. "Caring for children with autism spectrum condition in paediatric emergency departments." **Emergency nurse : the journal of the RCN Accident and Emergency Nursing Association**. 2017. Disponível em: <https://doi:10.7748/en.2017.e1713.com.br> Acesso em: 14 AGO 2022

RODRIGUES, P.M.S.; ALBUQUERQUE, M.C.S.; BRÊDA, M.Z.; BITTENCOURT, I.G.S.; MELO, G.B.; LEITE, A.A. Autocuidado da criança com espectro autista por meio das Social Stories. **Esc. Anna Nery**, [s. l.], 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/TwTJKc4xs4dY5hdjxdv6yVs/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 AGO 2022

RUSSEL, S; McCloskey, C. R; Parent Perceptions of Care Received by Children With an Autism Spectrum Disorder. **Journal of pediatric nursing**, 2015. Acesso em: <https://doi.org/10.1016/j.pedn.2015.11.002>. Acesso em: 14 AGO 2022

SHAHIDULLAH, J.D; AZAD, G.; MEZHER, K.R.; MCCLAIN, M.B.; MCINTYRE, L.L. Linking the Medical and Educational Home to Support Children With Autism Spectrum Disorder: **Practice Recommendations. Clin Pediatr (Phila)**. 2018. Disponível em: <https://doi.10.1177/0009922818774344>. Acesso em: 14 AGO 2022

SOELT, S.B.; FERNANDES, I.C.; CAMILLO, S.O. O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano. **ABCS Health Sciences**, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.7322/abcshs.2019101.1360>. Acesso em: 14 AGO 2022

SWARTZ, J.S.; AMOS, K.E.; BRINDAS, M.; GIRLING, L.G.; GRAHAM, M.R. Benefits of an individualized perioperative plan for children with autism spectrum disorder. **Paediatric anaesthesia**, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/pan.13189>. Acesso em: 14 AGO 2022

ELLERBECK K, SMITH C.; COURTEMANCHE A. Care of children with autism spectrum disorder. *Prim Care*. 2015. Disponível em: [10.1016/j.pop.2014.09.004](https://doi.org/10.1016/j.pop.2014.09.004). Acesso em: 16 AGO 2022

WOOD E.B.; HALVERSOS, A.; HARRISON, G.; ROSENKRANZ, A.; Creating a Sensory-Friendly Pediatric Emergency Department. **J Emerg Nurs**. 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30679010/> Acesso em: 16 AGO 2022